BIBLIOTECA VIRTUAL &COFUTURO

Fazendo Mágica com as Palavras

Heloisa Prieto

DA SÉRIE LEITURAS DO BRASIL

sumário

Abertura 3

Apresentação 5

Fazendo mágica com as palavras 7

O mundo das letras que transformam 10

A turma do folclore 13

Sítios da memória 15

Somos e queremos 21

Inventário do que podia ser bem melhor e será... O melhor lugar do Mundo 24

A grande obra 27

"Tudo o que existe no mundo
Passou antes pela fantasia de alguém".

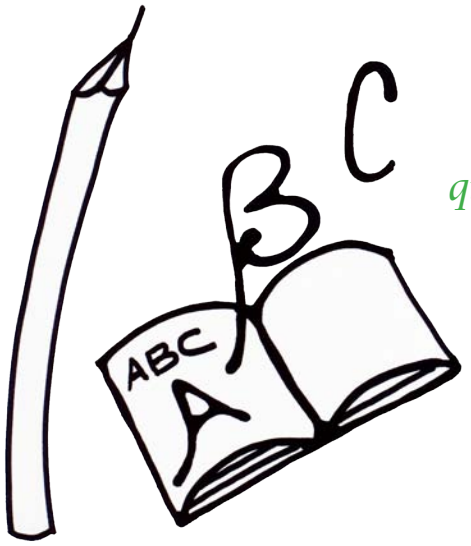
— Bartolomeu Campos de Queirós

Nesta terceira edição da série "Leituras do Brasil", convidamos a escritora e parceira de longa data Heloísa Prieto a revisitar a escrita autoral de crianças e jovens participantes das sete edições do Concurso de Redação Ler é Preciso, realizado pelo Ecofuturo durante dez anos, e revelar de fonte segura: o que pensam sobre os cuidados com a vida? O resultado é o encontro dessas vozes com aquelas que há tempos imemoriais falam sobre a aventura humana na Terra, revelando que um fio tênue e determinante vem identificando o caminho que nos levará ao encontro de nossa humanidade, como o velo de ouro de Ariadne guiou Jasão pelo labirinto do Minotauro.

Esta publicação, foi pensada com todo o carinho para oferecer acesso direto ao que pensam crianças e jovens sobre os cuidados com a vida – uma leitura e uma escuta fundamental para tecer com eles muito bate-papo, interação e registro sensível sobre o que pensam e o que precisam para serem bem cuidados e se tornarem bons cuidadores de todas as vidas no planeta. E que se apropriem da palavra, com gosto e competência, para ler, escrever, argumentar em favor do mundo que queremos, com qualidade de vida para todas as vidas.

Boa leitura!

— Christine Castilho Fontelles
Diretora de Educação e Cultura



Toda literatura consiste num esforço para tornar a vida real. Como todos sabem, ainda quando agem sem saber, a vida é absolutamente irreal, na sua realidade direta; os campos, as cidades, as ideias, são coisas absolutamente fictícias, filhas da nossa complexa sensação de nós mesmos. São intransmissíveis todas as impressões salvo se as tornarmos literárias. As crianças são muito literárias porque dizem como sentem, e não como deve sentir quem sente segundo outra pessoa. Uma criança, que uma vez ouvi, disse, querendo dizer que estava à beira de chorar, não "Tenho vontade de chorar", que é como diria um adulto, isto é, um estúpido, senão isto: "Tenho vontade de lágrimas". E esta frase, absolutamente literária, a ponto de que seria afetada num poeta célebre, se ele a pudesse dizer, refere absolutamente a presença quente das lágrimas a romper das pálpebras conscientes da amargura líquida. "Tenho vontade de lágrimas"! Aquela criança pequena definiu bem a sua espiral. (Pessoa, 2006, p. 28) (1)

O Concurso de Redação Ler é Preciso aposta na inteligência e na sensibilidade das crianças, permitindo que seus textos sejam editados com o mesmo cuidado e requinte que receberiam autores de literatura consagrados. Além de incentivar a criatividade, o Concurso promove uma situação cultural que articula a troca entre professores, escolas, bibliotecas e a sociedade em geral.

Indo ao encontro do pressuposto expresso pelo poeta Fernando Pessoa no texto acima, a iniciativa garante espaço para poesia, filosofia e fabulação; não só isso, registra também os textos infanto-juvenis de modo que sejam inseridos numa cultura oficial.

"A convicção de que a leitura é um caminho fundamental para promover a melhoria da qualidade de ensino levou o Instituto Ecofuturo a lançar um programa que busca colocar a literatura no cotidiano das pessoas, especialmente crianças e jovens, estimulando a leitura e a escrita e valorizando a informação como exercício para a cidadania". (2)

O Concurso, que começou como uma iniciativa interna da empresa que criou e mantém o Instituto Ecofuturo apenas para filhos de funcionários da Suzano, expandiu-se cada vez mais. Vários foram os temas abordados: a magia da palavra, o Brasil no século 21, o folclore, o meio ambiente. Em 2003/2004, o desafio pressupunha um exercício intertextual: gerar textos a partir da obra de Monteiro Lobato.

A cada edição do Concurso, novas conquistas, como a doação de uma biblioteca comunitária a um município indicado por consenso por grupos formados pelos vencedores e seus familiares e professores.

Em 2007, com o tema "O melhor lugar do mundo", o Concurso abrangeu estudantes de ensino médio, EJA (Educação para Jovens e Adultos), reclusos, deficientes visuais e auditivos, entre outros. Foram analisadas 30 mil redações vindas de todos os Estados do País.

Finalmente, ampliando o leque de possibilidades de edição, a obra Inventário do que podia ser bem melhor e será foi concebida como um registro poético, a soma de percepções e sonhos de toda uma geração de jovens brasileiros. O resultado foi uma espécie de dicionário incomum, cujos 662 verbetes, repletos de emoção e sonhos, foram extraídos do conteúdo das redações, que aparecem em ordem alfabética. Instigantes, os verbetes e as narrativas registram vozes normalmente excluídas: as de jovens e crianças.

Segundo a obra poética de Baha Walad (3), mestre sufi do século XII, durante o período da infância o ser humano permanece próximo ao território divino. Adulto, ele sofre, porque a vida o afastou de seu conhecimento inato. O humor e a risada infantil seriam expressões de tolerância e compreensão, que depois são destruídas pelas ilusões do véu, a falsa vida que a idade adulta tanto preza.

Os sufis do Oriente Médio eram como uma antiga maçonaria literária, cujas origens jamais foram traçadas ou datadas. Também conhecida simplesmente como A Tradição, a escola sufi elegia as histórias como veículos para transmissão de sabedoria. Herdeiros de vasto legado da tradição oral, esses contadores de histórias acreditavam que a narrativa podia ser comparada a um barco a deslocar-se no vasto mar de narrativas do imaginário universal.

Talvez o oficio de um escritor em muito se assemelhe ao de um navegante, ao sabor das intempéries marinhas. Depois de lançada ao mar, cabe à narrativa transformar-se segundo a imaginação daquele que a acolhe. A cada leitor, seu porto; a cada viagem, a benção sutil da bem-aventurança.

Ler é escutar a vida; escrever é cuidar para que a existência e o sonho pessoal sejam compartilhados, transformados em novas histórias pelas mentes de leitores desconhecidos, membros da biblioteca infinita que se constitui como misterioso registro da experiência de ser humano.

NOTAS:

1. Pessoa, Fernando. Quando fui outro. Rio de Janeiro, Alfaguarra, Objetiva, 2006.
2. Ferreira, Maria Betânia. Conteúdos de orientação ao professor do projeto de Concurso de Redação.
3. Chittick, C. William. Sufism: a short introduction. Oxford, USA.

CAPÍTULO I

Fazendo mágica com as palavras

Existe um mágico chamado Fred. Ele tem a sorte de carregar com ele a magia, o mistério e o dom de transformar os sonhos das pessoas em realidade. (...)
Se ele perguntasse para mim, eu falaria que queria paz, amor, carinho, amizade e muito mais. (...)
Todos nós sabemos que o Fred é um grande mágico, mas qualquer pessoa pode ter essa magia, usando as palavras, porque, de fato, elas são mágicas. Se as usarmos todos os dias, transformaremos o mundo. (1)

— Michelle Adriane Ramos.

Não se encontrou até hoje o sítio arqueológico da antiga biblioteca de Alexandria. Muitas são as hipóteses relativas ao seu desaparecimento, mas tudo é absolutamente misterioso, por duas razões muito simples: a primeira, por não haver texto que de fato narre a destruição da biblioteca; a segunda, por não haver fonte escrita nem material que permita verificar as causas do seu desaparecimento.

Mais importante que isso, porém, é o fato de que essa biblioteca foi fundada e floresceu sob a dinastia dos faraós ptolemaicos (que desce, por exemplo, até Cleópatra), os quais, no entanto, não eram egípcios, mas macedônicos, senão greco-macedônicos. A própria ideia da criação da biblioteca foi lançada por Demétrio de Falero (um grego discípulo de Aristóteles e político ateniense) no fim do século IV a.C. O que lá havia eram manuscritos de autores gregos: antes de tudo, Homero; depois, Hesíodo e toda a profusão dos poetas dramáticos, além de prosadores catalogados, por exemplo, pelo bibliotecário Calícamo de Cirene (séc. III-II a.C.)

Enfim, nessa época, a biblioteca era considerada uma ameaça aos outros: por competir em tamanho de acervo com a biblioteca de Pérgamo, a de Alexandria, apoiada no poder dos faraós, confiscava todo manuscrito que alguém guardasse em casa numa coleção privada.

Várias são as lendas criadas em torno da mítica biblioteca. Segundo algumas delas, interessados em magia teriam consultado seus manuscritos em busca de fórmulas de encantamento e poemas mágicos teriam a capacidade de conferir poderes aos seus leitores. (1)

Crianças como Michelle Ramos, autora do texto vencedor do 1.º Concurso de Redação Ecofuturo, parecem ter consciência da relevância da palavra escrita – uma consciência que, infelizmente, nem sempre é compartilhada pelos adultos.

No mundo contemporâneo, a necessidade de alfabetização é senso comum. Ler o nome, textos funcionais ou conteudistas são os requisitos básicos de toda formação escolar. Paradoxalmente, itens como expressão pessoal, apreensão da realidade íntima e repertório ético/poético frequentemente ficam fora dos ensinamentos, e a palavra literatura ganha matizes pejorativos, como "livros obrigatórios", sem relevância para o mundo moderno e necessários apenas para testes como o vestibular.

"Os dicionários de língua esclarecem que o adjetivo fantástico deriva do substantivo fantasia, palavra de origem grega cuja acepção original era a de "aparência". Ao ser incorporada ao nosso léxico através do latim, ela passou a significar, segundo Antenor Nascentes, "imaginação criadora, faculdade imaginativa; ficção, coisa sem realidade, obra puramente ideal; criação falsas, do que não existe na natureza, não corresponde ao que é normal (...); desejo singular, gosto passageiro, capricho extravagante". (3)

"Esses vários significados de fantasia foram incorporados, de um modo ou de outro", afirma o poeta e teórico José Paulo Paes (4), às definições ou conceituações do romance, da novela

e sobretudo do conto fantástico elaboradas por modernos teóricos da literatura. Ainda que estes possam diferir entre si, (...) todos concordam num ponto essencial: o fantástico se opõe diametralmente ao real e ao normal."

Pois bem, Michelle Ramos, aos nove anos de idade, quando vencedora do Concurso, nega tal oposição (realidade x fantasia), afirmando, segundo a sensatez típica da infância: "Quando alguém diz 'Você é muito inteligente', 'Você é muito importante para mim', 'Você é bonita', automaticamente 'você' passa a ser tudo aquilo que a pessoa disse.

Vou dar o exemplo do Marcos. Marcos tem oito anos, é uma criança normal, gosta de brincar, gosta de videogame, de doces e muito mais.

Seus pais trabalham muito; a única pessoa que lhe dá atenção é sua professora Patrícia, só que ela chateia muito, vive chamando ele de burro, diz que ele nunca chegará a ser alguém na vida. Triste, vai muito mal na escola e piorando cada vez mais.

Certa vez, Patrícia saiu de licença médica e, para substituí-la, veio a Nátali. Ela é muito simpática e carinhosa.Logo viu que o Marcos era bom aluno, mas tinha um problema, e Nátali, com sua sensibilidade, percebeu do que Marcos precisava e passou a elogiá-lo todos os dias.

A cada dia, Marcos foi melhorando e passou a ser um dos melhores alunos.

Por isso precisamos sempre ser meio mágicos, transformando em realidade os sonhos de paz. (5)

É interessante observar, na redação da pequena Michelle, que a "magia" à qual ela se refere não é o dom de transformar o aluno Marcos num príncipe matador de dragões, mas sim vê-lo além de seu lugar de aluno distraído; ouvi-lo, para que ele possa ser reconhecido em sua individualidade. A partir do momento em que o contato se estabelece realmente entre mestra e aprendiz, a "mágica" atua em prol do menino, que compreende seu lugar e importância na escola.

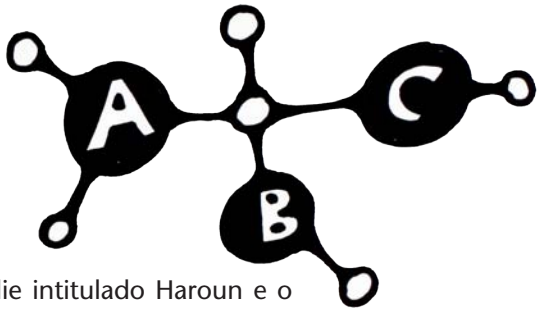
Michelle, ao ter sua redação premiada pelo concurso organizado pelo Ecofuturo, pode ver a "magia" da comunicação por meio da literatura atuando em sua própria vida. Fred, o mágico criado por suas palavras, não existe fora do universo fantástico dessa página de texto, e o mesmo se pode dizer de Marcos, o aluno ficcional; de Patrícia, a professora insensível; e de Nátali, a professora atenta e delicada. A interação desses personagens de sua imaginação, no entanto, pode ter despertado a reflexão entre adultos, contradizendo o senso comum segundo o qual "crianças não prestam atenção à vida real porque ficam brincando em seu universo fantástico". Sagaz, sua fábula critica o espaço escolar de forma contundente e remete a nós, adultos, a pergunta fundamental que a literatura faz aos leitores, espectadores e ouvintes: "Para que servem histórias que nem sequer são de verdade?"

NOTAS:

1. Fonte: Martinho, Marcos. Letras Clássicas. USP. Concurso de Redação Ecofuturo. Fazendo mágica com as palavras. São Paulo, 2000.
2. Prieto, Heloisa. A tábua de esmeraldas. Editora Moderna, São Paulo, 2002.
3. Paes, José Paulo. Gregos e baianos. Editora Brasiliense, São Paulo, 1985.
4. Ibidem nota 2.
5. Ibidem nota 3.
6. Ibidem nota 1.

CAPÍTULO II

O mundo das letras que transformam



No belíssimo romance fantástico de Salman Rushdie intitulado Haroun e o mar de histórias (1), narra-se a história de um menino filho do mais famoso contador de histórias de sua cidade que testemunha o pai perder a voz quando se separa de sua mãe. Desesperado com o sofrimento paterno, o menino vai ao encontro do mar de histórias, o grande manancial de narrativas de onde seu pai tirava inspiração para narrar. Pequenino, ele percebe que o pai, na verdade, perdeu a capacidade de conferir significados à vida e, ao seu modo, tenta resgatar a criatividade adulta, arriscando-se numa viagem temerária.

Na verdade, a expressão "mar de histórias", vem do nome sânscrito Kathâsaritsâgara, que, graças a possibilidades de síntese que faltam ao português, significa, mesmo, "mar formado pelos rios de histórias". Com efeito, quanto mais o pesquisador se detém a observar a infinita multidão de contos, seu incessante movimento, suas metamorfoses contínuas, suas riquezas de cores, matizes e formas, tanto mais justo se lhe revela o símile do antigo compilador hindu Somadeva. São eles, realmente, como as ondas de um mar, alimentado por inúmeros rios originários dos países mais diversos, e muitos oriundos de escondidas fontes. De um mar que liga os povos das margens, que lhes confunde as vozes e as tradições, que lhe faz trocar os produtos. (2)

Segundo a tradição mitológica grega, os artistas criavam com a ajuda de musas, sendo a mãe delas, Mnemósine, personificação da memória. Filha de Urano e Gaia, pertence ao mundo das Titânidas. Zeus teria se unido a ela durante nove dias consecutivos e, ao término de um ano, lhe deu nove filhas, as musas. (3)

Vale a pena observar que, na linda fábula contemporânea de Salman Rushdie, o pai narrador se cala quando sua esposa, a musa, se vai. Como se não bastasse, ela é conquistada por um rival que detesta ouvir narrativas e que expressa seu profundo desdém indagando continuamente: "Para que servem histórias que nem sequer são de verdade?"

Na vida de todos os dias, ouvimos expressões como "Deixa de histórias", "Isso é história da carochinha!", "Você pensa que a vida é um conto de fadas?".

Essas são expressões cotidianas, comentários que se fazem quando se pensa que alguém está exagerando, mentindo, deixando-se enganar por ilusões.

Essa mesma ideia está presente quando alguém ouve algo de extraordinário que aconteceu a um amigo e comenta: "Parece filme".

No dia a dia, é como se nossas vidas pertencessem a uma dimensão, e as aventuras, as histórias e os contos de fadas, a outra. Em parte, isso é verdade. Como dizem os aborígenes australianos, as histórias pertencem ao mundo dos sonhos.

Acrescentam, contudo, que nosso mundo foi inteiramente sonhado antes de ter existido. Portanto, contar uma história é resgatar o próprio destino: descobrir a que sonho pertencemos e encontrar caminhos para a própria vida. (4)

> *Numa cidade mágica, a cidade das letras, existiam vinte e seis letras guardadas dentro de um armário que se chamava "alfabeto".*
> *Na visão das pessoas, eram letras comuns. Era o que pensavam, porém eram letras mágicas.*
> *Tudo o que era do mundo das letras e palavras era mágico.*
> *Com as palavras, formamos frases, isso todos nós sabemos.*
> *Parece besteira, mas é mágica. Com algumas palavras trocadas ou até mesmo algumas letras, pode acontecer muita coisa.*
>
> — Maria Thaís de Almeida Farias, 12 anos
> Concurso de Redação Ecofuturo (5)

Como no caso do pequeno Haroun, personagem fictício de Salman Rushdie, Maria Thaís de Almeida Farias demonstra grande percepção com relação à importância da escrita e sua capacidade transmutadora. A ironia é que ela se defende da crítica adulta afirmando que "parece besteira, mas é mágica".

Nos contos de fadas tradicionais, como, por exemplo, em A roupa nova do rei, clássica história de Hans Christian Andersen, cabe à criança o papel de apontar a realidade aos adultos. Quando o Ecofuturo dá voz à sensibilidade infantil, publicando seus textos, produz um documento que é prova da inteligência emocional que os adultos nem sempre percebem ou valorizam. Poesia, bom humor e, por vezes, uma certa dose de ironia com relação à presunção adulta destacam-se nos vários contos escolhidos para a antologia.

Tendo em vista a motivação para a leitura, a reflexão e a escrita em crianças e jovens; as publicações e o próprio concurso do Ecofuturo alimentam a rede de trocas: o diálogo entre docentes, discentes, pais, mestres, idosos e crianças. Sem se limitar à produção estritamente temática e informativa, a iniciativa da instituição resgata a literatura enquanto matéria de sonho.

Jorge Luis Borges (1999, pp. 35-6), escritor argentino (6), ao dedicar um capítulo da obra Sete noites ao tema do sonho e do pesadelo, afasta-se intencionalmente da ótica psicológica, tratando do sonho sobretudo enquanto ferramenta literária:

> *O exame dos sonhos oferece uma dificuldade especial. Não podemos examinar os sonhos diretamente. Podemos falar da memória dos sonhos. E, possivelmente, a memória dos sonhos*

não corresponde diretamente aos sonhos. Um grande escritor do século XVIII, Sir Thomas Browne, acreditava que nossa memória dos sonhos é mais pobre do que a esplêndida realidade. Outros, pelo contrário, acreditam que melhoramos nossos sonhos; se pensarmos que o sonho é uma obra de ficção (e eu acredito que seja), possivelmente continuamos fabulando no momento em que despertamos e, depois, quando os narramos.1

Borges (1999, p. 36) prossegue em seu raciocínio citando outros autores para, por meio deles, chegar a uma afirmação que lhe é muito cara: "Nossas memórias são superiores a nossos pensamentos". Acrescenta ainda, ao tecer conjecturas sobre a obra de Dunne, escritor inglês do século passado, que "a cada homem é dada, com o sonho, uma pequena eternidade pessoal que lhe permite ver seu passado recente e, talvez, seu futuro próximo"2.

"O que acontece ao despertar?", indaga Borges.

"Ocorre que, como estamos habituados à vida sucessiva, damos forma narrativa a nosso sonho, porém nosso sonho foi múltiplo e simultâneo." (Borges, 1999, p. 37)

Se considerarmos a hipótese sugerida por Jorge Luis Borges de que a literatura nasceu quando alguém despertou de um sonho e o narrou à pessoa ao lado, iremos ao encontro da mitologia aborígene que destaca o tempo dos sonhos como um lugar primordial cujo resgate é absolutamente necessário para que cada destino humano seja cumprido.

Narrar é pensar a vida. Abrir um espaço de acolhimento das narrativas infantis, dando oportunidade para que o jovem ou a criança não apenas se faça ouvir, mas se torne autor, isto é, responsável por uma narrativa, modifica a história de cada escola, ampliando as conexões entre a memória afetiva e cultural de cada cidade. Há que se observar o fato de que vários textos mencionam o termo "transformação". As crianças, literalmente, "assinam embaixo", diante da oportunidade do registro da própria voz.

NOTAS:

1. Rushdie, Salman. Haroun e o mar de histórias. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.
2. Buarque de Holanda Ferreira, Aurélio & Ronai, Paulo. Mar de histórias. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1978.
3. Prieto, Heloisa. A memória do sonho – tese de doutorado. USP, São Paulo, 2006.
4. Prieto, Heloisa. Quer ouvir uma história? Editora Angra, São Paulo, 1999.

1 "El examen de los sueños ofrece una dificultad especial. No podemos examinar los sueños directamente. Podemos hablar de la memoria de los sueños. Y posiblemente la memoria de los sueños no se corresponda directamente con los sueños." 2 "A cada hombre le está dado, con el sueño, una pequeña eternidad personal que le permite ver su pasado cercano y por ventura su porvenir cercano."

CAPÍTULO III

A turma do folclore

Meu nome é Gustavo. Tenho nove anos e sempre gostei de passar as férias no sítio do meu tio, mas no ano passado foi diferente. Quando cheguei todos estavam tristes: meu tio, minha tia e meu primo Fabrício. Meu tio me contou que um homem muito rico tinha comprado a fazenda do lado e queria construir uma fábrica de tinta, e teria que derrubar uma parte da floresta que existia ali e jogar o esgoto no rio em que brincávamos. Saí andando no meio das árvores, pensando por que alguém poderia estragar tudo aquilo que eu gostava.

— Gustavo Henrique Perez , 9 anos
Terceiro lugar – Tirando de letra III
A turma do folclore e eu em defesa do meio ambiente (1)

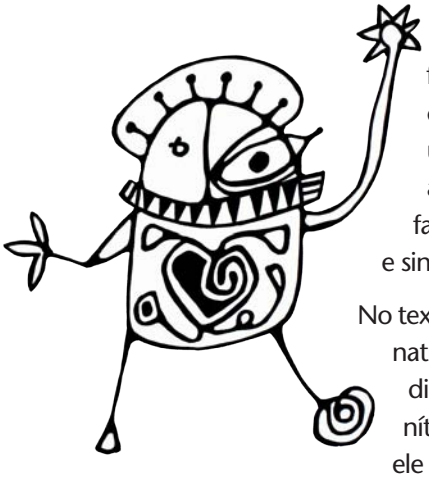
"Em certas culturas indígenas, como a dos povos munduruku, no norte do Pará, as crianças recebem dois nomes: o nome social e o nome mágico, secreto. Cada um deles faz referência a uma função. O social pode ser transmitido a todos; o mágico faz referência a uma função mítica e se reporta à identidade sensível da criança, seu destino particular.

Na cultura afro-brasileira do candomblé, as pessoas vivem de acordo com os odus, ou seja, narrativas míticas que orientam suas vidas. Cada pessoa deve descobrir seu mito pessoal, o seu odu, para compreender melhor o roteiro da própria vida. O odu pessoal está entrelaçado ao familiar e ao contexto cultural. Uma vez descoberto o enredo que conduz uma vida, é preciso quebrá-lo. Só assim, liberta da trama das histórias que a acolheram quando veio ao mundo, uma pessoa pode atingir a autonomia da escolha e da criação de seu próprio destino.

Na antiga tradição oriental sufi, do islamismo, a sabedoria se aloja nas histórias. Quando uma pessoa perdia o juízo, chamava-se um contador de histórias para apaziguá-la. Histórias e mais histórias eram narradas até que o ouvinte recuperasse sua capacidade de raciocinar. (2)

Em inglês, a palavra folk("povo")lore significa "histórias do povo". Podemos, então, dizer que essas narrativas imemoriais pertencem ao manancial da memória coletiva.

"O verbo *to wonder* (na língua inglesa) – "encantar-se, perguntar-se" – comunica o estado receptivo de maravilhar-se, bem como o desejo ativo de desejar saber, de indagar, e, portanto, define muito bem no mínimo duas características do conto de fadas tradicional: sentir prazer no fantástico e curiosidade pelo real. A dimensão do maravilhoso cria um imenso teatro de possibilidades nas histórias: tudo pode acontecer. Essa ausência mesma de



fronteiras serve ao propósito moral dos contos, que é precisamente ensinar onde se encontram os limites. O sonhar proporciona prazer por si mesmo, mas também representa uma dimensão prática da imaginação, um aspecto da faculdade de raciocínio e pode abrir possibilidades sociais e públicas." (...) Outro modo ainda de pensar os contos de fadas é como se fossem uma linguagem da imaginação, com um vocabulário de imagens e sintaxe de enredos. (3)

No texto do pequeno Gustavo, citado acima, o narrador se pergunta por que o adulto destrói a natureza e contamina os rios, espaços amados pelas crianças como ele. Novamente estamos diante da sensatez infantil entrando em choque com a atitude impensada de adultos. Fica nítida a sensação de impotência do menino, bem como sua perplexidade. Para auxiliá-lo, ele convocará a turma do folclore, as entidades mágicas da floresta ameaçadas de extinção.

Diante de um desafio literário que é bastante complexo – "criar uma narrativa mágica que funcione como libelo de defesa do meio ambiente e na qual o próprio narrador esteja inserido" –, Gustavo recorre a sua capacidade criativa na esperança de que a força de seu imaginário suplante a ambição dos adultos "irresponsáveis" envolvidos na devastação do meio ambiente. O resultado final do embate imaginado pelo narrador é favorável para as crianças e o mundo de um modo geral:

Recebi uma carta de meu tio dizendo que a fábrica já está funcionando sem poluir e estragar nada. Tem muita gente trabalhando na fábrica e o dono organizou um projeto de nome "Progresso com Proteção do Meio Ambiente". (4)

Na visão de Gustavo, a destruição dos recursos naturais está relacionada à morte das criaturas imaginárias, daí seu recurso narrativo de buscar ajuda junto aos outros "interessados" na defesa do meio ambiente: a Iara, o Saci, o Curupira – "a turma do folclore", o povo da "sabedoria", os guardiões da "memória do mundo".

Segundo a tradição celta, nos tempos primordiais, seres humanos conviviam em paz tanto com as florestas como com os seres sobrenaturais que as habitavam. Haveria, no entanto, um interdito: seres humanos não poderiam casar-se com elfos ou fadas. Essa proibição foi desobedecida quando um elfo se apaixonou por uma nobre e com ela fugiu. O marido desta, desesperado, sabendo que os elfos retiravam sua força dos recursos naturais, pede a sua guarda que as florestas sejam derrubadas. Para impedir a devastação, o elfo profere palavras mágicas que tornam o mundo das fadas invisível ao olhar humano. (5)

Essa narrativa milenar, bem como o texto de Gustavo Henrique Perez e vários outros autores publicados na antologia, contém questões relevantes para o mundo contemporâneo. Enquanto os humanos não forem capazes de "enxergar" as belezas sagradas dos mananciais naturais, habitat do imaginário e, portanto, reservatórios da memória coletiva, o equilíbrio ecológico e psicológico estará ameaçado de extinção.

NOTAS:

1. Concurso de Redação Ecofuturo – A turma do folclore e eu em defesa do Meio Ambiente. São Paulo
2. Prieto, Heloisa. Quer ouvir uma história? Editora Angra, São Paulo, 1999.
3. Warner, Marina. Da fera à loira. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.
4. Ibidem nota 1.
5. Prieto, Heloisa. Magos, fadas e bruxas. Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2008.

CAPÍTULO IV

Sítios da memória

Jet, o menino spray

Era um menino que era doido por pichação.
Até que falou:
– Quando crescer vou ser pichador profissional.
Ele falou tantas, mas tantas vezes, que ele começou a se transformar.
– Socorro! Alguém me ajude!
Aí a cabeça dele começou a ficar quadrada e foi ficando baixinho, baixinho, o braço foi ficando fininho, fininho, as pernas desaparecendo, desaparecendo, até que sumiram. Virou um frasco de spray.
Quando a mãe dele foi levar o lanche da tarde, ela viu que ele não estava lá, ela desmaiou de tanto espanto, foi parar no hospital.
Ele começou a procurar nomes, Superman, Homem Spray, até que decidiu:
– Meu nome é Jet. – E foi assim.
Aí Jet tentava se olhar no espelho e conseguiu. Quando se viu, falou:
– Meus olhos estão vê vê vermelhos, estou estranho. Meu amigo Pedrinho falou que no sítio da vó dele tem um monte de seres fantásticos. Vou pra lá, assim eles me reconhecerão e poderão me ajudar.
Chegando lá, procurou Pedrinho e falou tudo.
Pedrinho assustou-se e falou:
– Só que aqui não pode pichar.
O Pedrinho levou Jet até a Cuca e explicou a situação. Ela fez uma poção, ele tomou e voltou ao normal.
Agora ele só faz grafite, com a permissão dos outros.
Até grafitou a caverna da Cuca.

— Lucas Chicorea de Almeida
Concurso de Redação Ecofuturo.

Quando um professor se senta no meio de um círculo de crianças e narra uma história, na verdade é como se cumprisse uma função milenar. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento, ele exerce a arte da memória. (1)

Abandonamos as cavernas, mas frequentamos um cinema de shopping center. E, quando nos sentamos diante da tela, confortáveis na sala negra e escura, como diz o professor Arlindo Machado, em sua obra Pré-cinemas e pós-cinemas, reproduzimos a situação das antigas tribos diante dos ancestrais contadores de histórias. Segundo Arlindo, os desenhos ruprestes teriam sido feitos em alto-relevo e, no momento em que o xamã dançava com sua tocha iluminada, narrando histórias, a plateia tinha a impressão de assistir a um desenho animado. (2)

Nesse momento de aconchego que o cinema propicia, voltamos a nos sentir próximos dos companheiros ao recebermos o contato com uma história. A narrativa, com toda a sofisticação da linguagem cinematográfica contemporânea, seja qual for o gênero do filme, expressa valores da condição humana. Dizer que o mundo mudou muito desde os primórdios da caverna é óbvio, mas pensar que os seres humanos conservam alguns dos antigos rituais, mesmo sem ter consciência destes, gera reflexão.

A caverna é metáfora de mistério, refúgio, prática de magia e criação de narrativas. Lendas medievais, do século XV, contêm histórias sobre grimoires, os livros mágicos. Grimoires eram diários de magos. A escrita era ainda vista como uma espécie de magia colocada em prática. Encantamentos eram poemas que, se pronunciados no lugar e na hora certa, produziriam mudanças segundo o desejo do mago que os proferia. Além de modificar a realidade, encantamentos pronunciados dentro de uma gruta teriam, segundo se acreditava, o poder de iluminar os acontecimentos futuros. A premonição era dom da famosa feiticeira Sibila, habitante de uma gruta encantada. Ao concluir a escrita do diário de magia, que deveria incluir poemas, relatos de experiência e narrativas de sonhos, o manuscrito deveria ser deixado dentro de uma caverna, em homenagem à grande maga. (3)

A gruta da Cuca, personagem do folclore brasileiro tornado popular pela obra de Monteiro Lobato, é o cenário no qual se desenrola a aventura criada pelo garoto Lucas Chicorea de Almeida (4). Vários estudos têm sido feitos comparando grafites urbanos aos antigos desenhos rupestres. Como se pudesse adivinhar essa aproximação, o pequeno Lucas insere um grafiteiro numa caverna encantada, onde ele poderá desenhar. A perspicácia das crianças é despertada pelos desafios criativos propostos pelo Concurso Ecofuturo. Sem se limitar a descobrir "novos grandes talentos" e, portanto, legitimar o conceito da literatura apenas para os "poucos eleitos", a iniciativa do Ecofuturo abre a cada participante a possibilidade de exercer sua voz criativa.

Pois bem, a proposta intitulada "Entrando nos sítios de Monteiro Lobato", do 4.º Concurso de Redação Ecofuturo, parece apontar para a produção de contos ambientados no famoso espaço mágico Sítio do Pica-Pau Amarelo. Jet, o menino spray, um pequeno artista cuja maior ambição é "crescer e ser pichador profissional", criado por Lucas, é dominado por um desejo tão intenso de desenhar, que acaba gerando um evento inusitado: o menino virou o próprio frasco de spray! Nessa condição constrangedora, ele imagina quem poderia

socorrê-lo. Nomes como o de Superman e Homem Spray vêm à sua mente, mas ele opta por pedir ajuda a Pedrinho, personagem de Lobato, para que, por meio deste, possa ser conduzido ao sítio onde "tem um monte de seres fantásticos" que o reconhecerão e poderão ajudá-lo. Seu encaminhamento se comprova adequado, já que no sítio o grafiteiro/frasco de spray encontra Cuca, que lhe faz uma poção, e, assim, ele volta ao normal. Como recompensa, grafita a caverna da criatura folclórica. Lucas demonstra uma sensibilidade "antenada" ao inserir seu personagem num cenário primordial, aproximando Lobato da caverna mágica. Interessante notar que o sítio pertence a Pedrinho, personagem do Sítio do Pica-Pau Amarelo, nomeado pelo autor como "amigo". Já a caverna, onde o narrador voltará aos sentidos por meio do reencontro com criaturas mágicas, como Cuca, é introduzida na história pelo próprio autor. Três universos, por assim dizer, se estrelaçam: o urbano (a pichação, o spray), o folclórico-literário (o sítio de Pedrinho) e a caverna pré-histórica, na qual a fantasia e a magia são atuantes.

"Literato e jornalista, José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, a 18 de abril de 1882. Descendente de antigos fazendeiros de café do Vale do Paraíba, cresceu junto à zona rural, interessando-se pelo homem e pelos problemas do campo. (...) No entanto, Monteiro Lobato adquiriu fama principalmente pela literatura infantil, gênero em que foi pioneiro no País. Personagens como o Visconde de Sabugosa, Tia Nastácia e Emília influenciaram mais de uma geração de brasileiros. Monteiro Lobato faleceu na cidade de São Paulo a 5 de julho de 1948." (5)

Ao longo dos vários livros cujas histórias se passam no mágico Sítio do Pica-Pau Amarelo, a narração de Lobato mescla diálogos instigantes, aventura e fantasia, dando importância tanto aos mitos da tradição clássica, que ele reconta maravilhosamente, quanto às lendas da tradição oral brasileira. Ao colocar lado a lado "gregos e baianos", como diria José Paulo Paes, Lobato cria uma obra anticonvencional, cuja maior tradução é a boneca Emília, irreverente e travessa.

José Paulo Paes, poeta e ensaísta, costumava discutir sobre a antítese entre arte de elite e arte de massas, ironizava a mentalidade brasileira que enaltece a arte "erudita", em detrimento da popular (6). Dizia ele que, no Brasil, ninguém quer ser Alexandre Dumas; só sonha em ser um escritor como Gustave Flaubert. Ambos franceses, do século XIX, esses escritores tiveram percursos distintos e exerceram enorme influência na literatura brasileira do século XIX. Alexandre Dumas, um afro-descendente, profundo conhecedor da obra Mil e uma noites, empenhou-se em ganhar a popularidade com obras como Os Três Mosqueteiros e O conde de Monte Cristo. Dumas escrevia em jornais, nos antigos folhetins e, para manter a atenção dos leitores, criou técnicas como o "gancho", a surpresa, o encadeamento da ação e suspense, baseando-se na obra árabe que narra as aventuras de Sherazade, a contadora de histórias que precisava narrar para não morrer. Sobre Dumas se conta que

a gráfica do jornal no qual o autor publicava seus folhetins ficava lotada de leitores profissionais à espera dos próximos episódios de seus heróis. Assim que compravam o jornal, "saído do forno", corriam até a praça pública e liam os textos em voz alta. O número de analfabetos era grande; portanto, esses leitores/atores contavam com grande audiência. Já Gustave Flaubert interessava-se pela arte da escrita em si mesma. Menos voltado para a conquista do leitor, ele escreve narrativas nas quais a crítica à mentalidade tacanha do pequeno burguês é ferina. Quando olhamos para as duas tendências representadas por esses dois grandes autores, percebemos que, no Brasil, confirmando a hipótese de José Paulo Paes, parece haver a supervalorização do escritor crítico, isolado, em detrimento do carisma do contador de histórias, como Dumas. Um concurso como o do Ecofuturo, no entanto, dá voz a todo tipo de autor. Democratiza a escrita, proporcionando a cada um o seu momento de performance, por assim dizer. Sem a intenção de elencar textos mais ou menos eruditos, contemplam-se narrativas altamente criativas, como a do pequeno Lucas, citada acima. Nesse sentido, a iniciativa do Concurso vai ao encontro dos ideais de Lobato, um dos primeiros autores a destacar a riqueza da tradição oral brasileira e o encanto da contação de histórias, seja por meio do personagem de Tia Anastásia ou do Visconde Sabugosa, ambos inesquecíveis. Se pensarmos sob o viés dessa dicotomia e do preconceito da "elite" brasileira contra a cultura popular, fica ainda mais impressionante a estratégia de Lobato ao reverenciar ambas as partes, oferecendo-lhes o mesmo tratamento literário. Lucas, pequeno leitor de Lobato, ao colocar em ação um personagem urbano dentro da caverna mítica, também parece valorizar o velho e o novo, de modo que possam conviver numa harmonia transformadora. Onde ontem havia desenhos em alto relevo, hoje temos o registro do grafite, mas tanto no passado quanto no presente permanece a busca da identidade e o desejo de deixar uma marca no tempo. Como seriam os grafites do personagem de Lucas? Essa resposta não nos é dada. A cada leitor, a sua caverna imaginária e eterna, o espaço do resgate íntimo, trilhado com o auxílio afetuoso das criaturas imaginárias ainda vivas e atuantes nas grutas e sonhos de todos os tempos e lugares.

NOTAS:

1. Prieto, Heloisa. Quer ouvir uma história? Editora Angra, São Paulo, 1999.
2. Machado, Arlindo. Pré-cinemas e pós-cinemas. Papirus, São Paulo, 1997.
3. Warner, Marina. Da fera à loira. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.
4. De Almeida, Lucas Chicorea. Entrando nos sítios de Monteiro Lobato – redações premiadas – Instituto Ecofuturo.
5. http://pt.shvoong.com/booksbiography/1660545-monteiro-lobato-vida-obra/
6. Paes, José Paulo. Gregos e baianos. Editora Brasiliense – ensaios, São Paulo, 1985.

CAPÍTULO V

Somos e Queremos

Sonhei com uma fórmula que me fazia feliz
A receita é muito simples
E agora eu peço bis.
Observe os ingredientes
Que lhe darei com alegria.
Acredite no seu potencial.
Dia e noite, noite e dia.
Aposte nos seus ideais
De um grande sonhador.
Uma dose de determinação
Lhe fará um vencedor.
Um pouco de equilíbrio
E bastante dedicação.
Misture tudo com perseverança
E obterá a perfeição.
Aproveite a oportunidade,
Não a deixe escapar.
Depois da vitória conquistar
Com todos se deve compartilhar.
Ah! Para ficar mais significativa
Acrescente a esperança,
Confiando nesta fórmula:
"Com amor tudo se alcança".

— Aline dos Santos Ribeiro, 10 anos
São Paulo, SP. (1)

Vários textos infantis reunidos na antologia Somos e queremos, premiados pelo concurso do Instituto Ecofuturo, sublinham a busca de uma sociedade justa. Do alto de sua sabedoria, aos oito anos de idade, Reinaldo Leite Filho, por exemplo, defende a necessidade de uma cidade "amiga da criança" (2). Platão, filósofo grego (427 a.C–347 a.C.), em sua obra clássica A república, definia a cidade ideal como aquela que propicia felicidade para todos (3). Segundo suas próprias palavras, a meta da fundação de uma cidade era propiciar a felicidade de todos, criando um lugar onde se encontraria justiça. Para Platão, a cidade ideal não deveria dar privilégio apenas a poucos.

Infelizmente, tantos e tantos séculos depois, esse ideal ainda não foi alcançado no Brasil e, felizmente, as crianças contemporâneas continuam a expressar o desejo da construção de uma sociedade ideal que não deveria existir apenas em "sonho de infância".

O poema de Aline dos Santos, citado acima, em formato de rap, elenca as virtudes como via de acesso natural à realização de mudanças favoráveis. Pois bem, Platão, em sua obra clássica A república (4), faz a exposição das quatro virtudes cardeais, feita por Sócrates no Livro IV: sensatez (phrónesis), coragem (andreía), temperança (sophrosýne) e justiça (dikaiosýne).

"No vocabulário dos textos das crianças em todas as edições dos textos premiados, a palavra coragem surge com enorme destaque. A contrapartida da coragem é o medo. Medo do quê? Da violência? Da injustiça? Ou simplesmente medo da mudança!"

Talvez, para a ótica da criança, a vida seja uma mudança constante. Daí o fato de a palavra coragem ter maior destaque do que as outras virtudes, como temperança e sensatez.

Infelizmente, na vida adulta, o argumento da necessidade de usar o bom-senso por vezes abriga um quê de covardia e impede que cada um se arrisque em novas estratégias em prol de modificações salutares.

Na visão de Platão, contudo, as virtudes não se excluem e coragem não se contrapõe à necessidade de temperança, justiça ou sensatez.

Pode parecer um paradoxo mas, à medida que a criança cresce, passando pela juventude rumo à vida adulta, o termo coragem vai adquirindo conotações pejorativas, até mesmo entrando em ostracismo, quase como se fosse uma virtude inalcançável ou desnecessária para a sobrevivência no dia a dia. Coragem passa a ser um termo banalizado pela indústria cinematográfica, sinônimo de filme de ação e aventura. Sem coragem, no entanto, não existem deslocamentos, melhorias ou mudanças de qualquer espécie – e isso toda criança sabe muito bem.

Ao longo desse ensaio, citamos o texto do pequeno grafiteiro e sua caverna repleta de seres extraordinários. Fizemos referência à gruta das narrativas primordiais, aos desenhos rupestres comparados aos grafites do cenário urbano. Na acepção da pesquisadora norte-americana, Marina Warner, estudiosa dos contos de fadas, as cavernas seriam a morada da grande feiticeira Sibila, cujo poder de ver o futuro era infalível. (5) Conta-se que ela teria nascido numa gruta. Desde bem menina demonstrara ter o dom da profecia e fazia suas previsões em versos. Segundo algumas versões ela pediu ao deus Apolo que vivesse muitos anos. Contudo, esqueceu-se de pedir pela juventude eterna, de modo que sofreu muito mais longamente os males do envelhecimento. Consta também que sua poesia mágica

estava registrada em livros. Sibila seria, então, uma poeta, profetisa e escritora, moradora de uma caverna mágica.

Afirma a pesquisadora norte-americana que a caverna de Sibila representava um sonho de alegrias, pois a profetisa teria também o dom da narrativa, sendo ela mesma protagonista de inúmeras lendas.

Sábia, a profetisa narrava histórias a funcionar como uma ponte entre as diferenças de classe, atraindo para sua gruta encantada pessoas vindas de vários países. Ao seu redor, para ouvi-la ou ler seus livros, haveria também indivíduos de diferentes status. No momento da escuta das histórias, todos se igualam, não importando seu lugar de origem ou posição social.

Pois bem, se fizermos uma aproximação da metáfora da caverna de Sibila com a biblioteca, o lugar onde ficam reservadas as narrativas, poderemos constatar que os livros efetivamente ficam à disposição de pessoas completamente diferentes. A leitura realmente atua como um elemento de aproximação entre culturas diferentes, um passaporte para o espaço de compreensão, inclusão e tolerância.

A lenda atribui a uma idosa a capacidade de prever e alterar o futuro. Digamos que a literatura possa ser comparada a Sibila. Por meio do contato com pensamentos e experiências de escritores do passado, podemos refletir sobre o presente, de modo a tentar construir um futuro melhor.

O texto de Platão a apontar para a necessidade de uma cidade justa pode ser visto com um antigo sonho humano a ser resgatado, uma utopia que naturalmente habita a mente das crianças modernas, como se pode perceber nos vários textos selecionados pelo Concurso.

Warner afirma ainda que, em determinado momento, na Inglaterra, os contos de fadas orais foram fixados em publicações para divertimento do público. De modo semelhante, na França, no fim do século XVII, quando o conto de fadas surgiu pela primeira vez em publicações, os comentadores os relacionaram às velhas senhoras. Além de divertir, eram utilizados como instrumento moralizador e socializador na vida das crianças. (5)

Curiosamente, os mesmos contos considerados instrumentos de contenção do olhar curioso da criança com relação ao mundo apresentam, de modo sutil, as mesmas questões complexas e fundamentais da existência humana, das quais os pequenos leitores deveriam ser afastados, segundo o senso comum.

Além do contato constante, seja por meio de livros ou da tradição oral, com narrativas maleáveis, as crianças, como os povos da oralidade, costumam apresentar maior consciência do poder transformador da palavra. O psiquiatra Walter Ong, estudioso da dinâmica entre a oralidade e a cultura escrita, destaca que "(...) os povos orais comumente – e muito provavelmente em todo o mundo – julgam as palavras dotadas de uma potencialidade mágica. Isso estaria estreitamente ligado à percepção da palavra proferida como dotada de um poder que induz ao desencadeamento de ações. Os povos da escrita esquecem-se disso e tendem a assimilar palavras às coisas. 'Coisas' que não são tão prontamente associadas à magia, pois não constituem ações, mas, num sentido radical, estão mortas, embora passíveis de ressurreição dinâmica, mediante a leitura". (6)

Vale a pena acrescentar que a biblioteca pública, o acesso à leitura e a democratização das publicações realmente podem gerar mudanças favoráveis, diminuindo as distâncias entre as classes sociais e, portanto, abrindo espaço para a possibilidade de uma sociedade mais justa.

Falamos ainda dos estudos sobre as cavernas pré-históricas e as histórias narradas pelos xamãs, em momento sagrado de confraternização das primeiras comunidades. Não poderíamos, portanto, deixar de citar a caverna de Platão, uma das conhecidas e belas metáforas da condição humana:

"Imagina homens que estão numa morada subterrânea, semelhante a uma furna. (...) Lá estão eles, desde a infância, com grilhões nas pernas e no pescoço de modo que fiquem imóveis onde estão e só voltem a olhar para a frente, já que os grilhões os impedem de virar a cabeça. (...) Observa agora, disse eu, como seria para eles a libertação dos grilhões e a cura da ignorância, se isso lhes ocorresse de forma natural. Sempre que um deles fosse libertado dos grilhões e obrigado a pôr-se de pé de repente, a virar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, tudo isso o faria sofrer e, sob a luminosidade intensa, ficaria incapaz de olhar para aqueles objetos cujas sombras havia pouco estava vendo"... (7)

Pois bem, a imagem do mito da caverna, usado para refletir a condição humana, expressa a necessidade de transformar sombras em luz verdadeira. Acontece que a luminosidade intensa causa sofrimento aos olhos condicionados à escuridão. Fecham-se os olhos habituados às sombras, ao contato com a verdade. Diante da luz, portanto, nasce o forte ímpeto de voltar àquilo que se conhece (as sombras), perdendo-se, assim, o melhor da vida (a luz), ao afastar-se do novo antes mesmo que os olhos aprendam a suportar a luminosidade do que lhes parece desconhecido, mas que pode ser bom.

As crianças, no entanto, talvez consigam se adaptar melhor à luminosidade das verdades, talvez pela própria condição de ter o olhar de recém-chegadas ao mundo. Cabe aos adultos ouvi-las, ler seus textos ou, ainda, como diria o escritor indígena Daniel Munduruku: "É preciso compreender que a criança já é um ser", e, na verdade, ao escutá-la atentamente, no presente, não interessa o que ela será quando crescer no futuro, pois o presente é o presente". (8)

Como exemplo de sensibilidade, nada melhor que o texto dos próprios jovens, como o de Henrique Martins (15 anos), publicado na antologia Inventário do que podia ser bem melhor e será, do 6.º Concurso de Redação Ecofuturo:

Cicatrizes escritas

O melhor lugar do mundo são as páginas amareladas velhas. Prefiro-as porque as novas não têm a mesma magia construtora de sonhos dos livros antigos.
As capas desses tesouros são como nossos avós cansados, duros, vividos e visivelmente inabaláveis. Porém, essa mesma autoridade nos mostra quão sábios eles são. Mostra que são fortes e nos deixam a impressão de que não conseguíriamos passar por nem metade das coisas que eles viveram.
Ao abrir o livro, qual surpresa: uma dedicatória de alguém que já se foi, mas pode eternizar-se em letras embaçadas. "A você, meu caro, uma lembrança...". E que grata lembrança!
Mas não há de se demorar na dedicatória! O miolo é sábio e nos convida às páginas amareladas, ásperas, marcadas. São cicatrizes escritas, uma vez que todas as vezes em que as olhamos nos lembramos de coisas há muito esquecidas. Tais páginas parecem sussurrar histórias aos nossos ouvidos, do mesmo modo que nossas mães faziam para que pudéssemos dormir.
O marca-livro aponta onde retomar a aventura de ontem. E durante o repouso, os personagens confabulam: "Conseguimos envolver mais um leitor".
O cheiro do livro antigo é algo difícil de se explicar. Mistura fantasia, conflitos e o doce perfume de rosas esmagadas – todos caminhando para um final feliz.
O livro é o melhor lugar do mundo; é a entidade mais nobre e pura da Terra. Ele nos leva para além das fronteiras, fazendo-nos, ainda que sós, companheiros de nós mesmos. (9)

NOTAS:

1. Ribeirão, Aline dos Santos – Concurso de Redação Ecofuturo.
2. Leite Filho, Reinaldo – Concurso de Redação Ecofuturo.
3. Platão, A república (tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado). Martins Fontes, São Paulo, 2009.
4. Ibidem nota 3.
5. Warner, Marina. Da fera à loira. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.
6. Ong, Walter. Oralidade e cultura escrita. Editora Papirus, São Paulo, 1998.
7. Ibidem nota 3.
8. Entrevista com Daniel Munduruku, julho/2010.
9. Martins, Henrique – Concurso de Redação Ecofuturo.

CAPÍTULO VI

Inventário do que podia ser bem melhor e será... O melhor lugar do Mundo

O 6.º Concurso de Redação Ler é Preciso permitiu que as pessoas escrevessem com liberdade, espontaneidade e prazer. Centenas de escolas em todos os Estados do Brasil participaram do processo de escolha dos textos para publicação.

Nas escolas e salas de aula, as instruções norteavam o seguinte:

1. O tema de redação proposto por um concurso é uma forma de mostrarmos que acreditamos no talento de cada um de nossos alunos.
2. Pensar na satisfação de ser pelo menos um, entre os professores, que topou o desafio de despertar em seus alunos a vontade de escrever.
3. (...) Apresente o material aos alunos, deixe que peguem o livro, vejam, sintam a textura. Aproveite para motivá-los a acreditar na criatividade deles.
4. Selecione textos que estejam mais próximos da realidade vivida por nossos alunos.
5. Promova sempre a reflexão dos assuntos abordados pelos textos. Emocione, comova, surpreenda, encoraje seus alunos na luta por um mundo melhor!
6. (...) Sinta o que há de melhor em cada um de nós. Descubra histórias! Emocione-se com os relatos! Curta momentos especiais!
7. Por fim, exponha os resultados, pois eles fazem parte de uma primeira vitória! Uma contribuição, mesmo que de formiguinha, para alcançarmos, futuramente, aquele que deverá ser o melhor lugar do mundo!

Bruna Wysocky – professora – São Paulo (1)

"De onde surgem as ideias?"

Essa é uma pergunta que as crianças fazem com muita frequência aos escritores. A criatividade e a inspiração são temas que suscitam interesse. Quanto de inspiração é necessário e quanto de transpiração faz nascer uma obra?

O movimento surrealista marcou o ano de 1924, na França. Defendia-se naquele momento a liberdade criativa, a escrita automática, o fluxo da memória, o registro do sonho. Para

alcançar esses objetivos recorria-se a jogos criativos, tais como a escrita dos sonhos, brincadeiras de "telefone sem fio", poemas coletivos.

Uma corrente entraria em choque com tal concepção. O poeta Raymond Queneau defendia a necessidade de disciplina e "exercícios de estilo". Também aproximou a literatura da matemática, criando jogos de combinatórias narrativas. Queneau acreditava que a arte estava ao alcance de todos, e não apenas de uma minoria iluminada. Decretava que cometeria o crime de "lesa-inspiração", defendendo a importância do desafio criativo.

Para Queneau, a inspiração faz parte de todos os dias. O escritor é aquele que se apropria dela e a registra. Ela se apresenta apenas como um dos momentos da criação. Para que o texto tenha força, é preciso conhecer esse belo instrumento que se constitui como a língua escrita. (2)

Quando um professor coloca música na sala de aula para despertar a imaginação da garotada, repete estratégias usadas pelos surrealistas. Por outro lado, quando um professor cauteloso conduz as atividades de escrita de modo a priorizar as regras da gramática literária, mesmo sem o saber, aproxima-se da visão de Queneau.

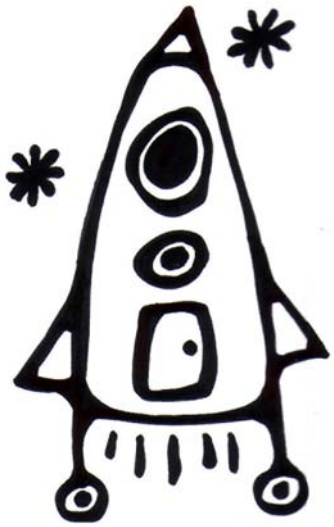
O ideal, naturalmente, seria a justa medida. Restrições e regras – essas palavras que nos parecem tão negativas – podem, na verdade, conduzir à criação de um texto instigante. Seriam essas regras as gramaticais? Tanto Queneau quanto os surrealistas se interessavam pela gramática do imaginário. Nesse sentido, um desafio criativo e coletivo como os temas lançados pelo Concurso Ecofuturo podem ser considerados como sementes de alta potência geradora.

Intertextuais (criar a partir da leitura de Monteiro Lobato), interdisciplinares (criar utopias para um mundo melhor), os temas constituem-se como vias de desvendamento da liberdade criativa. Descobrir como pensam as crianças brasileiras, refletir por meio de uma rede de relações capaz de sugerir e fomentar políticas públicas ligadas ao acesso à cultura e para o exercício consequente da cidadania – esses são os objetivos da iniciativa.

Ou, como tão bem diria Clarice Lispector, escritora cuja obra se situa nas fronteiras da literatura, poesia, psicologia e filosofia:

"Minha liberdade é escrever.

A palavra escrita é meu domínio sobre o mundo". (3)



NOTAS:

1. Texto extraído da coletânea "Inventário do que podia ser bem melhor e será" – 6.º Concurso de Redação Ler é Preciso – Ecofuturo.
2. Prieto, Heloisa. *Quer ouvir uma história?* Editora Angra, São Paulo, 1999.
3. Texto extraído do programa "Ler é Preciso".

> Segundo preceitos da tradição sufi, conforme expressos na obra de Baha Walad, mestre árabe do século XII, pai de Rumi, o grande poeta dessa tradição, durante o período da infância o ser humano permanece próximo ao território divino. Adulto, ele sofre, porque a vida o afastou da percepção divina da vida. O humor e a risada infantil seriam expressões da tolerância e da compreensão inatas que são destruídas pelas ilusões do véu, a falsa vida que a idade adulta tanto preza3. (Chittick, 2000, p. 103)

Ora, a literatura tradicionalmente destinada à infância é chamada de contos de fadas. Marina Warner (1999), estudiosa do gênero, destaca a origem da palavra fada, cujo significado remonta ao termo fata, variante rara de fatum, a deusa do destino. Conhecedoras dos caminhos da sorte, as fadas compartilham com as míticas sibilas o conhecimento do futuro e do passado.

3 "Wherever there is weeping and laughing, the laughter is because of union with God's bounties. When a human child grows up from littleness, he is happy in God's bounties. In old age, he is sad and weeping because of the separation from God's bounties. He laughs in Him and weeps in separation from Him."

CAPÍTULO VII

A grande obra

Em uma simples viela morava, entre tantos outros cidadãos, um cidadão comum, de bom caráter, justo, solidário... Ele gostava de contemplar a natureza, a paisagem à sua volta e até as pessoas. Pois é... ele contemplava as pessoas e via em cada uma algo de especial, diferente, único. Alguns tinham medo do seu olhar, diziam que ele enfeitiçava, que era capaz de descobrir segredos, ler pensamentos, e tantas outras histórias que eram atribuídas a ele que ninguém sabia mais o que era verdade ou invenção.
Mas sabe como é, né?! Lugar pequeno, pessoas que gostam de cuidar da vida dos outros, que gostam de se achar certinhas e que para continuarem a se acharem certas precisam dizer quem é o errado, e nesse caso, o errado era esse homem.
E eu nem falei o nome dele... mas não me contaram! Quando eu sobue dessa história eu o conheci como Louco, e naquele lugar esse passou a ser o nome dele. E foi com a influência desse nome que eu o conheci.

— Camille Jacob Vieczorek, 14 anos. Rio de Janeiro.

A palavra "cuidado" tem sentido ambivalente. No contexto da redação de Camille, sobre seu fascínio por um "louco", a expressão "cuidar da vida dos outros" pressupõe "intromissão na existência alheia". A leitura desse texto que se destaca por sua generosidade com relação às pessoas de sensibilidade diferenciada, desvenda outros significados da gramática dos cuidados. Pois, a palavra "alertar" também é uma das nuanças contidas no termo cuidar. Referindo-se ao louco, diz ela, "Tantas histórias eram atribuídas a ele que ninguém mais sabia o que era verdade ou invenção". A denunciar a dificuldade que a comunidade mostrava em lidar com uma pessoa à margem das convenções, é como se Camille nos perguntasse: é possível cuidar das pessoas que não enquadram facilmente na sintaxe da convivência?

"Desde o primeiro dia, tomei Nadja por um gênio livre, algo como um desses espíritos do ar que certas práticas de magia permitem, momentaneamente, o surgimento, mas que não seria jamais dominado."

Esta é a descrição feita pelo poeta francês, Andre Breton, inventor do surrealismo. Além de escritor, Breton era médico psiquiatra. Em 1926, conheceu Nadja, uma paciente psiquiátrica. Deste encontrou nasceu um livro, no qual o direito a fantasia, ao sonho, à percepção anticonvencional da realidade são defendidas. O manifesto surrealista, lançado em 1924, no qual explicitava a necessidade de um novo modo de expressão no qual o pensamento seria liberto do controle exercido pela razão livre, ou por uma preocupação estética, em busca do poder criativo e regenerativo do sonho. O jogo desinteressado da criação desvendaria outros mecanismos que, eventualmente, enriqueceriam as possibilidades de resolução dos principais problemas da vida.

Como o poeta francês, a jovem escritora carioca do texto acima, percebe as sutilezas da sensibilidade de um cidadão, infelizmente classificado de "louco", portanto destinado à exclusão impiedosa. Talvez entre todos os cuidados com a vida, a cautela diante do poder das palavras seja a necessidade mais premente. Tamanho é o preconceito com a palavra "louco" que a definição desse cidadão, promovida pelas pessoas de seu entorno, termina por ocultar-lhe o nome, a identidade, o histórico pessoal.

"Em suas veias já não havia sangue e sim sonhos". Este é o verso de Aline Enauãn Battisti Tosin, de São Miguel do Oeste, Santa Catarina. De modo contundente e sintético, ela destaca a força vital do mundo onírico. Se não há sonho, não há vida, ela parece dizer. O sonho, no entanto, segue uma sintaxe própria. Freud, Jung, entre outros grandes pesquisadores da mente tentaram organizar essa gramática cuja lógica desafia os ditames da vida diurna, desperta. Ter um sonho na veia, pode ser também interpretado como viver segundo regras pessoais, ocultas, algo incompreensíveis para os outros. Há o sonho coletivo, que se pode traduzir em ações pela paz, harmonia, equilíbrio ecológico e felicidade. Mas existem também os pesadelos sociais ou pessoais que minam a realização das utopias. A palavra pesadelo, em inglês, significa égua da noite (night mare), é preciso saber cavalgar uma montaria descontrolada, no escuro, para alcançarmos o despertar de um novo dia.

"Não podemos ficar apenas embevecidos pela admirável retórica da salvação do planeta", alerta-nos Vitor Assis Almeida, Juiz de Fora, Minas Gerais. Há que se cuidar das éguas secretas, das sensibilidades imprevisíveis, é necessária a humildade para cuidar de si, das próprias sintaxe pessoal e intrasferível, da sinceridade íntima para que haja enfrentamento com as próprias dificuldades e desafios.

"Dona Preta era um muito de Poliana e um pouco de Coralina e, embora nunca tenha criado uma poesia, fazia muitos doces e sempre dizia uma meáfora: "É preciso sair da concha pra catá conchinha". Personagem amorosamente descrito por Oldemar Cabanhe, de Campo Grande, Mato Grosso, Dona Preta parece dar voz à sabedoria de todos os que observam a vida buscando traduzir o aprendizado dos anos por meio de exemplos de simplicidade apenas aparente. A cultura oral, a sabedoria às margens, não pode se calar. Existem outras sintaxes, outras gramáticas a resgatar. Um dos méritos dos textos publicados pela coletânea é a possibilidade de compartilhamento da literatura que escapa solta por diversas regiões.

"Que sempre lindo! O poema esticando o tempo/pra gente ouvir mais ainda/o mesmo passarinho e eu/que nunca tinha pensando/que a feracidade do poeta/era feroz e minha ô lágrima boa! Senta, vê o rio passar vai cometer palavras, exageros". Os versos contundentes de Renata de Andrade, de algum modo parecem ecoar a defesa do "coração selvagem", como na grande obra de Clarice Lispector. Atestam a capacidade poética de ruptura com o tempo cronológico, de respeito pela intensidade intrínseca aos momentos vitais, o papel preponderante do acaso. Um verso é um lance de dados, diria outro poeta, o francês Mallarmé, a consciência do inusitado, inesperado, desafiando o desejo de dominação. No campo semântico do belo poema de Renata, cuidado não seria jamais sinônimo de controle.

"Mais do que cuidar da vida, é preciso insistir em atender aos desejos dela", afirma, com grande sabedoria, Giovanna Lucirio Brunasso, de Rio Claro, São Paulo. Sua frase vai de encontro à visão dos sábios taoistas, da antiga China. "Quando o mundo segue o Tao (a via vital), os cavalos fertilizam os campos. Quando o mundo não segue o Tao, os cavalos combatem nas fronteiras", afirma Lao Tse. O grande desafio então será o de ler os desejos da vida, mesmo quando estes não correspondem, necessariamente, aos pré-concebidos, determinados externamente por regras pré-fixadas. A vida é como o fluir da água, cambiante, sutil, e, portanto exige atenção plena e constante. O mesmo se pode dizer da vida secreta, surreal e louca que habita cada ser, dialogando conosco ao longo das noites. Cabe à poesia à escrita, às artes de um modo geral, a tarefa de traduzir essa sensibilidade, tendo como objetivo transcriá-la, inclui-la, respeitá-la. Nesse sentido, destaca-se a importância da escuta da vida, do registro das vozes significativas, como as citadas pelos participantes do concurso. No lugar do auto-controle, o auto-cuidado, referindo-se aqui, a todas as nuanças do termo cuidar.

"A noção de pecado, na concepção hebraica, envolve a idéia de "errar" no sentido de não ser capaz de acertar o alvo, de não responder adequadamente ao projeto divino, inclusive no plano da fruição dos bens com que Elohim (deus) nos aquinhoa". Esta foi a constatação feita pelo poeta Haroldo de Campos, quando de seu estudo das formas poéticas da bíblia. O cumprimento do projeto divino seria então a criação da Grande Obra, a própria vida, como acreditavam os antigos alquimistas. O cuidado em ouvir, resgatar e registrar palavras para que a fala verdadeira não silencie, regando novos pensamentos e atos.

BIBLIOGRAFIA:

Campos, Haroldo – O segundo Arco-Íris branco – editora Iluminuras, são Paulo- 2010.

Tsé, Lao – Tao te king – Attar editorial – São Paulo 1995.

Breton, Andre – Najda – folio – gallimard – paris 1964.

Breton, Andre – Manifestes du surréalisme – folio – gallimard – 1962.

© 2013. Instituto Ecofuturo
Todos os direitos reservados.

Concepção e Realização: **Instituto Ecofuturo**
Projeto Gráfico: **Carol Sá Jamault, Ganzá Design**
Ilustrações: **Nelma Guimarães**
Produção Gráfica: **Andrea Burity**

EQUIPE DO INSTITUTO ECOFUTURO:

Daniel Feffer, Presidente
Marcela de Macedo Porto Mello, Superintendente
Christine Castilho Fontelles, Diretora de Educação e Cultura
Paulo Groke, Diretor de Meio Ambiente
Edmar Moraes Barros Junior, Coordenador Financeiro
Guilherme Rocha Dias, Coordenador do Projeto Parque das Neblinas
Rachel Barbosa Carneiro de Sousa, Coordenadora de Desenvolvimento Institucional
Suzana Kutnikas Weiss Minerbo, Coordenadora de Comunicação
Iran Oliveira Reis, Contador
Julia de Lima Krahenbuhl, Analista de Projetos
Marina Franciulli Santos, Analista de Comunicação
Michele Cristina Martins, Analista de Projetos
Palmira Petrocelli Nascimento, Analista do Programa Ler é Preciso
Regiane Basso, Analista Contábil
Renato Guimarães de Oliveira, Analista Administrativo Financeiro
Vanessa de Jesus Espindola, Analista do Projeto Ler é Preciso
Alexandre Oliveira da Silva, Assistente de Manutenção
Thais Moreno Soares, Assistente do Projeto Ler é Preciso
Cléia Marcia Ribeiro de Araújo, Auxiliar Administrativo
Marcos José Rodrigues do Prado, Auxiliar de Manutenção e Manejo Florestal
David de Almeida Santos, Guarda-Parque
Marcelo Lemes de Siqueira, Guarda-Parque
Marcelo Rogério de Santana, Guarda-Parque
Maurício Rodrigues Prado, Guarda-Parque
Ricardo Silva de Souza, Guarda-Parque

CONSELHO DIRETOR:

Daniel Feffer, Presidente; **David Feffer** e **Jorge Feffer**, Vice-Presidentes;
Antonio dos Santos Maciel Neto, Jacques Marcovitch, Murilo César Lemos dos Santos Passos, Claudio Thomaz Lobo Sonder, Walter Schalka.

REALIZAÇÃO:

ECOFUTURO

www.ecofuturo.org.br

PATROCÍNIO:

Valmet FORWARD